

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Maria Gracinda Rosário**

registada em 2008-09-19  
por

Joana Ribeiro e Carla Aguiar



## **Maria Gracinda Rosário**

Maria Gracinda do Rosário nasceu em 1925, no dia 14 de Novembro. O pai morreu quando ela ainda só tinha ano e meio, por isso viveu com a mãe e a avó. A mãe andava no campo a fazer o trabalho. Teve dois irmãos. De pequena começou a ajudar a mãe e a avó, “a ir com elas para os matos, lá para a serra”. Andou na escola uns dois, três meses, aos 7 anos. As contas e a tabuada ainda aprendeu mas depois foi com a irmã que foi aprendendo. O marido pediu-a à mãe e resolveram fazer o casamento. Maria Gracinda tinha 17 anos. A cerimónia foi no Piódão. Depois do casamento, teve que se agarrar logo à costura.

# Índice

Identificação Maria Gracinda do Rosário.....	4
Ascendência "Quem me criou posso dizer que foi a minha avó".....	4
Infância "Não eram como os tempos de agora".....	7
Casa "Uma salinha e um quarto ao pé da cozinha".....	9
Educação "Ele dava porrada até mais não".....	10
Religião A doutrina do tio António Bento.....	11
Pessoas "Nós déramos muito de comer aos padres".....	13
Namoro "Eu estava à janela e ele falava de baixo".....	15
Casamento "Nunca cá comeram em casamento nenhum como foi no meu".....	15
Descendência "Quando a viam ir com a varita, já sabiam que ela que ia para lhes bater".....	17
Percurso profissional "Quem é que aí dava um tostão a ganhar a uma pessoa qualquer?".....	18
Costumes Tradições de Chãs d'Égua.....	20
Lugar Recordações de outros tempos.....	24
História A história do Oliveirão.....	26
Avaliação "Para os mais novos saberem".....	29

## **Identificação *Maria Gracinda do Rosário***

O meu nome é Maria Gracinda do Rosário. Nasci em 1925, no dia 14 de Novembro.

### **Ascendência "*Quem me criou posso dizer que foi a minha avó*"**

O meu pai morreu ainda eu só tinha ano e meio, é que nem chegava a ter 20 meses. Antes de morrer, foi para o Brasil e estava lá. Acho que era nos matos, não sei como é que chamavam lá àquilo. Depois lá começaram a dar as febres e o meu pai começou a ver aquilo e veio para a cidade. Foi pedir trabalho à Santa Casa da Misericórdia, deram-lhe e ele esteve lá. Nem sei dizer o tempo que foi, mas foi poucos anos, porque eu já nem me lembro dele estar doente, nem ele morrer, nem nada. Não me lembro de nada, nada! Só me lembro o que uma vizinha minha dizia. Em baixo, na minha casa, estava ali uma data de mulheres a chorar. E, dantes, quando morria alguma pessoa em Chãs d'Égua, não deixavam lá ir as crianças ao pé das pessoas que morriam. Noutras terras não sei se assim é nem se não, mas cá era assim. E eu lembro-me daquela senhora dizer-me assim para mim:

- "Olha filhinha, já não tens pai!"

Isso é que a mim lembra sempre, sempre aquela coisa. Mais não me lembro, nem ver a minhas tias a chorar, nem me recordo de mais coisíssima nenhuma.

Sei que o meu pai veio de lá do Brasil e ele já vinha com aquela doença. Lá no Brasil queriam-no operar à garganta. Mas ele dizia sempre:

- "Não morro, não morro! Até vou para o pé da minha família! Vou morrer ao pé da minha família."

E depois veio, não sei bem em que altura, mas ainda devia estar perto de um ano na aldeia. Depois morreu. Ai Jesus...

Vivi com a minha mãe sozinha mais a minha avó. Quem me criou posso dizer que foi a minha avó, porque a minha mãe, coitadinha, andava no campo a fazer o trabalho. A minha avó queimava muita lenha, porque a gente não tinha outros aquecimentos. Era só na cozinha. Fazia fogo, mas não tínhamos outros aquecimentos. O meu pai, coitadinho, faleceu, e nós não fazíamos nada. Era a minha mãe que tinha que fazer.



### **A irmã Maria e o pai no dia do seu centésimo Aniversário (7 Janeiro de 1992)**

#### **Uma vida muito triste**

Depois a nossa vida foi sempre uma vida muito triste. Não tínhamos ninguém quem nos ganhasse nada. A minha mãe, por exemplo, cultivava batata, feijão, milho. Ela moía no moinho, que era aqui em cima, e a gente cozia o pão. E aos homens, quando era por a sementeira, já sabe, a gente tinha que lhe pagar. Não era de graça. E a minha mãe, às vezes, coitadinha, ainda ia ajudar a este e àquele a semear o milho e depois eles, às vezes, não levavam nada. Mas havia outros que levavam! A gente tinha que pagar. Não era como agora que têm estas reformas. Com o pouquinho que é, sempre ainda temos alguma coisa. Mas, naquela altura não tinham nada.

Eu tinha a minha irmã, tinha mais 4 anos que eu. Já faleceu. E até tinha um irmão, éramos os gémeos. Mas ele morreu, ainda era pequenino, tinha só meio ano. Por isso, o meu pai não havia que estar muito tempo no Brasil por a razão do seguinte: quando ele foi para o Brasil, o meu irmão já tinha morrido. Por isso, não estive lá muito tempo. E não me lembro de mais antes. Se fosse mais crescida havia de me lembrar.

## "Não havia aqueles biberões para dar às crianças"

Quando a minha avó teve os primeiros filhos, eles morriam-lhe. E, naquela altura, não era como agora que havia aqueles biberões para dar às crianças. Se a mãe morria de parto, não havia nada para dar às crianças, coitadinhas. As mulheres que davam a mama aos outros é que criavam aquelas crianças. Agora iam dar a casa deste, amanhã lá a queriam à casa daquele, porque eram pequeninos e não comiam. Então, a minha avó uma vez tinha um menino e dava-lhe o leite. Mas depois ele morreu. Então, veio cá um senhor para a minha avó lhe criar o filho, porque tinha morrido a mãe. Morreu de parto. A minha avó, coitadinha, aceitou para ganhar alguma coisa. Não era de graça. A minha avó criou o rapaz da Malhada Chã. Dava-lhe o alimento e punha-o à cozinha dentro de uma cestinha. Só lhe dava a mama e, quando ele fazia chichi, arranjava e limpava. Antigamente diziam que com 7 meses já se criava, mas aos 9 meses não. E, então, até aos 9 meses o menino nunca chorou. As minhas tias diziam para a minha avó:

- "Ai, como tu foste trazer o menino! Então, ele não chora nem nada. O menino morre."

Parecia que estava morto. A minha avó dizia assim:

- "Olha, se morrer, mais um almotolia de azeite trazes para alumiar o menino."

Porque cá, dantes, a gente não tinha velas. Era com azeite. Com umas candeias é que alumiam as pessoas que faleciam. Mas, no dia que fez 9 meses, chorou o menino! A minha avó ficou toda contente dele chorar! Pronto, criou-o cá. Depois, ao fim, veio cá a família dele buscá-lo.

Mais tarde ele casou-se, foi para Lisboa. Mas já estava casado e ainda foi enganar a prima. Ao fim, quando cá vinha ver a minha avó, trazia-lhe um pão de trigo, 1 quilo de açúcar e um bocadinho de café. Eu era pequena, mas lembro-me bem. Naquele dia que ele veio, disse-lhe a minha avó:

- "Ó José, tenho cá um cajado para te bater! Então, tu vais fazer uma coisa daquelas!?! Já com filhos ainda vais enganar a prima!?"

Eu lembro-me como se fosse hoje. Parece que ainda o estou a ver agarrado à minha avó:

- "Bata que você é minha mãe!"

## **Infância "Não eram como os tempos de agora"**

Mas não tínhamos dinheiro, não é verdade? Já não digo para mais nada, só para nos vestirmos. Quem nos valia era uma tia que nós tínhamos que, às vezes, ainda nos ia comprando uma coisita, um vestido ou uma coisa. Eu lembro-me bem: quando era o sábado, a minha mãe tirava-nos o vestido e a gente ia-se deitar na cama. Depois lavávamos o vestido e enxugávamo-lo ao lume. E ao outro dia íamos com o vestido para o Piódão, à missa. Veja-se bem como é que eram aqueles tempos! Aqueles tempos não eram como os tempos de agora. Agora a gente tem uma data de roupas. Não é só de fazer o trabalho do campo. A gente também precisa daquela coisa, dinheiro.

### **"Ia deitar o gado com a minha avó"**

Quando era pequena, não fazia nada. Estávamos ao pé da minha avó a cozinhar e a queimar a lenha. Quando ao fim éramos mais crescidas, já íamos com a minha mãe. Ela roçava-nos lá molhitos de mato e a gente é que trazia. E já íamos com ela à lenha e já trazíamos também um bocadinho de lenha. Aí a gente começando a correr por as ruas já tinha que fazer! Era a quase 5 anos, andávamos na primeira classe. Mas ainda primeiro, às vezes, ia deitar o gado com a minha avó. Dizia ela assim:

- "Olha, tu sentas-te aqui. Tens o meu gado daqui para lá! Não deixes vir o gado para aqui! Dás-lhe! Se ela vier para aqui, dás-lhe com a vara!"

A gente sentava-se lá e tínhamos uma vara, assim uma coisa comprida. Mas a minha avó é que vigiava o gado lá do outro lado. Eu lembro-me bem isto assim. E outras vezes, quando a minha irmã já era mais crescida, ia a mais ela. Botáramos o gado e guardávamo-lo assim: ela estava dum lado eu estava do outro. Depois, quando a gente já era mais crescida, começávamos a ir com elas para os matos, lá para a serra. Íamos lá dar a volta àquela serra lá em cima ao alto. Mas não era sozinhas. Era com as outras pessoas de cá também, com os outros rapazes ou raparigas. E a gente sachava milho, cultivávamos o campo, fazia o pão, fazia tudo. Eu só cavar é que nunca cavei. A mais fazia tudo. Não me ajeitava a cavar, não sei que era aquilo! E depois foi assim a nossa vida.

## "Nunca tive um brinquedo"

Às vezes lá ia brincar, mas a gente queria ir e a minha mãe não nos deixava ir para a rua. Dizia assim:

- "Ides lá para os outros fazer malandrices. Deixe-se aqui estar!"

Não nos deixava ir. Então, brincava com a minha irmã. Pois, brincávamos as duas. Mas, coitadinhas, a gente não tinha brinquedos como agora. Quer-se dizer, nós fazíamos, chamava a gente, às pedrinhas, ao jogo do botão... Mais de resto, tínhamos algum brinquedo como agora? Oh,oh! Brincávamos assim:

- "Vamos fazer à pina-malha!"

Então, escondíamos. Agora, os miúdos andam aí e dizem às escondidas:

- "Vou fazer às escondidas!"

Mas a gente chamávamos aquilo à pina-malha. Às pedrinhas era assim: juntávamos pedrinhas miudinhas, ao fim botavam-nas para a mão e depois apertávamos a mão. Diziam:

- "Quantas é que eu cá tenho?"

- "Tens tantas!" - dizia a outra.

E ao fim a gente abria a mão, tinha aquelas pedras. Ao fim dizia:

- "Olha, perdeste! Eu é que ganhei!"

Era assim as nossas brincadeiras. Mas, como estou a dizer, nunca tive um brinquedo. A minha mãe não tinha o dinheiro nem para nos vestir quanto mais para comprar brinquedos! Oh,oh! Ah, às vezes nós fazíamos bonecas de farrapos! Havia cá a minha tia e, como o meu tio era alfaiate, íamos-lhe lá pedir assim:

- "Dê-me um trapito! Dê-nos lá um farrapito!"

Era, às vezes, daqueles restos assim de retalhos. Lá juntava e dava-nos. Depois fazíamos-lhe a cabeça nuns trapitos. Dizíamos para a minha tia:

- Ó tia, faça lá a cabeça à menina!

Então, fazíamos assim: ela fazia-lhe o feitio da cabeça, atava-lhe uma linha - que ela tinha de nos dar as linhas e tudo - e depois lá adiante enrolávamos uns trapos em volta. Faziam-lhe assim um feitio, um lencinho, e ficava sempre à frente com um bocado sem nada. Dizíamos que era a cara. E, pronto, já era uma boneca! É para ver como é! Se fosse, como agora, brinquedos para cima de brinquedos.... Mas eles já nem os querem tão-pouco!

## Recordações da tia Maria Rosa

Em casa dos meus tios, morreu o filho com 16 anos. Foi umas penas aqui na povoação. A maior parte da terra vestiu-se de luto por ele. Depois os miúdos iam lá para casa deles. De manhã, ainda estavam os meus tios na cama, que às

vezes, de noite, deitavam-se tarde porque estavam a trabalhar, já nós estávamos na porta!

- "Tia Maria Rosa, abra-nos a porta!"

Os pais iam lá pô-los à porta. Deixavam lá os maiorzitos mas, às vezes, também lá deixavam ficar dentro do berço os pequeninos. Ao fim, já se sabe, faziam chichi, faziam tudo. A minha tia, coitadinha, é que tinha aquela paciência toda de limpar os meninos. Deixavam lá com aquelas fraldas, porque não usavam cuecas como agora. Era sem cuecas. Depois, quando faziam cocó, tinha que os levar. Era uma chatice para ela, coitadinha, porque tinha tanto que fazer de alfaiate. O que é, às vezes, havia muita gente a ajudar-lhe no trabalho de fora, assim do campo. Também só o trabalho que ela tinha com aqueles miúdos... É que juntavam-se lá até aos 40 e 50! O meu tio, de Inverno, tinha uma braseira com carvão (que mandavam um rapaz ou um homem fazer). Estava sempre a braseira acesa. Então, os miúdos bulhavam e brigavam uns com os outros, porque todos queriam estar ao pé da braseira. Como não podia estar tudo ao pé da braseira, porque era só uma, batiam-se uns aos outros lá em casa dela e tudo. Nessa altura, a gente chamava uns pastores que iam botar as cabras. Depois, quando vinham, às vezes, vinham todos molhados e cheios de frio. Se havia de ir para casa deles tirar aquele fatinho que se tinha molhado, ia mas era para casa da tia Maria Rosa! Coitadinhos, não tinham nada para vestir... Chegavam lá e o meu tio fazia assim para os miúdos:

- "Agora, desviai para trás, que vós já cá estais há muito tempo! Deixai aquecer esses! Esses vêm todos gelados com frio."

Mas eles estava sentados no chão, porque ela não tinha bancos para todos. Tornavam-se assim um bocadinho para trás, tornavam a fazer, mas ficavam-se na mesma, coitados. Então, o meu tio tinha que pôr mais carvão na braseira para ter onde os pastores se enxugarem. Enxugavam assim a roupita lá em volta da braseira.

### ***Casa "Uma salinha e um quarto ao pé da cozinha"***

Depois do meu pai morrer, éramos quatro pessoas em casa. Então, era a minha avó e a minha mãe e eu e a minha irmã. Era na casa onde hoje moro. Mas antigamente a casa só tinha o andar de baixo. Tinha uma salinha e tinha um quarto ao pé da cozinha. A minha irmã dormia lá com a minha avó e eu mais a minha mãe dormíamos noutra casita, logo aí na rua. Naquela que tem umas escadinhas à porta, tínhamos um quarto e ali dormíamos. A cozinha não era assim a direito. Era funda, para baixo. Isto é uma hipótese: se a gente vinha a andar, a gente saltava para baixo, para a cozinha. Depois a gente sentava-se em

volta. Chamava a gente assim: a cozinha é funda. Não sei porque é que era funda. Já encontrámos assim. Já foi talvez dos nossos avós. Porque eles viviam numa casa pequenina e depois o meu avô é que comprou a casa. Mas era só o andar de baixo. Ao fim o meu marido, quando nos casáramos, é que botou o andar de cima à casa, a varanda e o terraço. Tudo foi a gente é que fez.

### **Serões entre mulheres**

Aos serões, às vezes, juntava-se também uma senhora que era nossa vizinha. Era a tia Luísa, uma velhota solteira, não tinha marido. Ela, de noite, vinha para esta casa, rezávamos o Terço e depois conversavam. Quando era no tempo das castanhas, assávamos um assador e comíamos-las. Dávamos-lhe também e ela comia como a gente! Tinha aqui outra vizinha que, às vezes, também para cá vinha. Mas essa já tinha um filho e uma filha e já não vinha para cá tanto. Nós dizíamos:

- "Então, ó tia Maria, você ontem não veio cá ter?"

Ela dizia assim:

- "Não, porque já somos três e com vós as quatro - era a minha avó e a tia Luísa - já são muita gente para estarmos lá todos à cozinha!"

Só quando era no tempo de feijão é que ela então vinha ajudar.

### **Educação "*Ele dava porrada até mais não*"**

Eu cheguei a andar na escola uns dois, três meses. Aos 7 anos é que a gente ia para a escola. Era um professor. Até foi o primeiro professor que cá esteve e já estava há muitos anos. Era Alexandre. Ai Jesus! Ele dava porrada até mais não! Com uma régua que chamavam palmatória, dizia:

- "Deixa ver a mão!"

Pum! Era assim. Ele a mim nunca me chegou a bater, porque eu só andei lá três meses. Não teve tempo de me bater. Mas aos outros batia-lhe muito às vezes. E berrava muito com os miúdos. Às vezes, andavam lá daquele lado ao mato e até o ouviam a gritar com os miúdos. Eram muitos miúdos e depois o homem também se chateava. Tinha lá também dois filhos a estudar na escola. Então, ao fim batia nos miúdos e batia também nos filhos. Dizia:

- "Então, mas vocês pensais que só vós levais pancada? Os meus filhos também levam!"

E batia também nos filhos. Antigamente, a gente chegava à escola, aprendia a regra do "A". Para ver a regra do "A", havia uma pedra com um caixilho em

volta. Chamavam aquilo uma pedra, mas era mesmo de pedra. Então, ele fazia-nos um risco com uma reguazita e dizia:

- "Vá, começa a fazer a regra do "A"!"

Eles escrevia logo uma carreira a fazer a regra do "A" e a gente copiava por aquilo. Eu não sei nada, porque já não andei lá ao fim. Nem tinha livro nem sabia quase nada ainda. A minha mãe, coitadinha, queria comprar o livro e não sabia onde é que estava o dinheiro. Até fazia umas letritas, mas era pouco. Aqueles que aprenderam com ele fazem todos letra bonita, depressa e tudo. Mas ao fim ele foise embora. Só lá andei três meses. Depois já não tive mais escola. Havia muitas crianças. Quando andaram os meus filhos na escola, eram 60! Mas tivemos muito tempo sem cá ver a professora. Quando ao fim veio, eu já não era lá dada à escola, porque era só até aos 12 ou 13 anos. Já não tinha também idade para ir para a escola, já não fui. E depois também fazia falta à minha mãe para o trabalho. As contas e a tabuada ainda cheguei a aprender, mas foi ao fim com a minha irmã. Às vezes, à noite, a minha mãe dizia-lhe:

- "Ensina lá a tua irmã! Ensina-lhe alguma coisa!"

E ela ainda me ensinava assim algumas coisitas ao serão.

## **Religião *A doutrina do tio António Bento***

A quase sempre havia catequese na aldeia. A gente ia aí em baixo, a casa de um tio meu, que era tio do meu marido, e ele ensinava-nos lá em casa, à noite. Era António Bento. Era o pai da Lurdes, aquela rapariga que mora logo ali mesmo à entrada, à parte de baixo da estrada. Não era padre, mas sabia. O pai dele era o avô do meu marido e não deixava ir os netos para fora sem fazer as orações. Ao fim, o filho também assim era. À noite juntavam-se lá os miúdos, mas depois "esgateavam-se" uns com os outros:

- "Porque aquele tem um assento melhor do que eu! Porque eu não tenho..."

Estávamos em casa dos outros e a gente ainda fazia aquele barulho. Coitadas das pessoas. Ele ainda tinha trabalho para nos ensinar e nós ainda "esgateávamos" uns com os outros em casa dos outros. Ele, às vezes, ainda dizia:

- "Oh, vocês não estão calados! Estejam calados! Olhe, que então ides mais para a rua!"

Outras vezes, quando a gente lá chegava, ele dizia assim:

- "Aquele que hoje começar a fazer barulho é o primeiro que vai para a rua! Não o deixo cá estar, vai para a rua!"

Mas ele não tinha coragem de os pôr na rua. Também tinha os filhos dele, era tudo.

Era por um livro que ele tinha do pai que nos ensinava. Pois, o pai tinha livros que tinha trazido lá de Lisboa. Acho que em Lisboa, onde o avô do meu marido estava, ninguém sabia ler. Então, ele é que fazia as cartas àquelas pessoas. E ao fim, quando ele veio para Chãs d'Égua, ele é que fazia muitas cartas a muitas pessoas. As mulheres não sabiam ler e, como ainda estaria o marido em Lisboa, iam lhe pedir para lhe fazerem uma carta para mandar. E quando vinha a carta - o correio não vinha para aqui, era para o Piódão e ao domingo é que traziam a correspondência - iam atrás daquela pessoa mandar ler.

### **"Aqueles que estavam com atenção aprendiam mais depressa"**

Fiz a Primeira Comunhão e fiz a Comunhão Solene. A Comunhão foi aos 7 anos. A gente tinha de saber a doutrina e já ia comungar. Mas eu, como já sabia, fui comungar com 6 anos. Eu, às vezes, ia para lá para casa da minha tia que me ensinava. Dizia à minha avó:

- Eu vou para casa da tia Maria Rosa.

Lá nos ensinava a ler a mim e aos outros. Aqueles que estavam com atenção aprendiam mais depressa, lá iam comungar. Os que não estavam, olha, ao fim não sabiam nada.

Na Primeira Comunhão tinham que nos comprar um vestido branco para levarmos. Às vezes, quem tinha dinheiro já comprava uma fitinha para lhe pôr no cabelo. Quem não tinha não comprava, mas o vestido sempre tinha que comprar. Depois levávamos uma coisa de renda que chamavam um véu. Era uma coisinha de renda que não chegava aos pés, era assim mais para cima. Quando eram pessoas mais crescidas era o véu todo. Quando as pessoas eram mais pequenas e tinha pessoas de casa com véu, para não andar a pedir emprestado, a minha tia dobrava um bocado para dentro e franzia-o. Ficava aquele bocado assim por baixo, por as costas, e punham-nos à mesma à cabeça. À frente já era uma coisa com uns cravos, que traziam quando iam ao Vale de Maceira por o dia de festa. Chamavam aquilo uma "silva" e depois punham-na em cima do véu. Para a Comunhão Solene, também comprávamos um vestido branco, uma fita azul para pôr à cintura e outra fita branca para pôr na cabeça. Mas era só um vestido para a Primeira Comunhão e para a Comunhão Solene! E a gente cá nunca usou vestido curto, era sempre vestidos compridos. Mesmo se a gente usava uma saíinha, nunca era curtinha, era sempre comprida, a dar pelo joelho.

E ao fim é a Profissão de Fé. Então, a gente tinha para aí uns 8 ou 9 anos, já ia sempre fazer quando era naquela altura da festa. Mas a gente tinha que ir ao Piódão à doutrina. Chamavam aquilo um exercício. Havia assim um corredor e a gente estava numa carreira, umas alas, umas dum lado, outras do outro. Depois,

conforme iam indo aquelas alas, a gente ia indo par a par, uma com a outra. Depois, no cimo da igreja, estavam lá dois meninos ou meninas mais pequeninos (que chamavam os anjinhos). Tinham uma toalha branca, grande mas estreita, estendida. Uma pegava de um lado, a outra pegava do outro e a gente ajoelhava e comungava. O senhor padre dava-nos a comunhão por cima daquela toalha. Era assim.

### **"O senhor prior só vem se a gente mandar celebrar uma missa"**

Em Chãs d'Égua há capela. Primeiro, o padre vivia no Piódão e vinha cá dizer missa todos os domingos e até aos primeiros sábados de cada mês. Depois o padre que estava foi embora do Piódão para fora e tivéramos que lá ir sempre. Ficou este que está na Moura. Só vem dizer a missa ao Piódão. De modo que nunca mais aqui vem. Agora o senhor prior só vem se a gente mandar celebrar uma missa. Mas são 6 contos! Paga 3 à pessoa que diz a missa e paga 3 à capelania.

### ***Pessoas "Nós déramos muito de comer aos padres"***

#### **O senhor cónego Nogueira**

A minha avó contava que, quando foi que fizeram a capela da Senhora do Carmo, estava em Chãs d'Égua um padre que era o senhor cónego Nogueira. É aquele busto que está em Piódão. Depois ele já cá trazia muitos estudantes a estudar. Chegou a trazer 70. O seminário era no largo do Piódão, onde hoje é Centro de Dia. Começava aí o princípio da casa. Era uma casa grande e noutra casita ao lado era onde dava a escola. Ai Jesus, Nosso Senhor! Aquele é que era um santo! O cónego Nogueira dizia a missa lá no Piódão por a semana e, ao fim, agarrava e vinha ter ali onde andavam a trabalhar. Trazia uma batina mais velha, chegava lá, vestia-a e trabalhava como um qualquer homem. Com sacho, com martelo, com tudo. A minha avó dizia-me assim:

- "Olha, filhas, eu só em lanchitos, fui-lhe lá levar 18 à Malhada! Fora os almoços que lhe cá dava."

Naquela altura, a minha avó era a mordoma e depois tinha que dar o comer ao padre. Nós déramos muito de comer aos padres, ai Jesus! É verdade! Ao fim, lá o senhor bispo levou o cónego Nogueira outra vez para Coimbra. Senão, fazia-se aqui o seminário e em Coimbra nada.

## Os seminaristas do cónego Nogueira

*Naquela altura, o cónego Nogueira dava a escola àqueles alunos todos. Eram 70 do lado da Covilhã! Era onde as raparigas, a minha avó e as outras, iam levar os ovos. Como andavam uns poucos de seminaristas no Piódão, elas é que lhes traziam a roupa. As mães pediam-lhe para trazerem a roupa para eles cá vestirem. Umaz traziam duns, outras traziam dos outros, porque não podia ser só uma sozinha a trazer. Quando eles a tinham suja, não sei se lavavam no Piódão ou se eram elas que levavam a roupa já suja para as mães lavarem.*

*Contava a minha mãe que houve um rapaz que andava a estudar para padre e ao fim deixou-se. Já estava no altar para celebrar missa, diz ele assim:*

*- "Para padre bom não nasci, padre ruim não quero ser!"*

*Então, tirou os paramentos e nunca mais foi à missa. A mãe, coitadinha, meteu-se na cama, até morreu de pena. E era a minha avó que me trazia a roupa desse. Depois ele estabeleceu-se lá na Covilhã, tinha um comércio. Quando a minha avó lá ia ele dizia-lhe assim:*

*- "Ó senhora Maria Rosa, então porque é que cá não tinha vindo? Porque é que não tinha vindo ver a gente?"*

*Dava-lhe sempre, sempre, sempre alguma coisa. Mas a minha avó dizia que se envergonhava de lá ir, porque o homenzinho estava-lhe sempre, sempre a dar alguma coisa.*

## O padre José Barata

Havia cá um padre, chamavam-no José Barata. Tinha um menisco num joelho e depois, coitado, não podia andar. Não havia estrada, andava muito devagar. Então, vinha cá dormir todos os sábados. Eu botava-lhe o jantar todos os sábados. Morou cinco anos naquela casa que temos ali! Era lá que dormia. Mesmo depois, quando eram os outros mordomos, eles davam-lhe o jantar à noite e ele lá ia a jantar. Mas em acabado de jantar, abre logo para minha casa. Ainda estávamos a comer. Depois, quando se ia ali deitar, a gente aquecia-lhe uma pinga de leite com um bocadinho de café, que ele queria sempre um bocadinho de café também. Ele tomava e depois ia para cama. Depois, ao outro dia, levantava-se. Quando acabava a missa, enchíamos metade do termo - a gente já via mais ou menos o que ele bebia -, levávamos uma caneca e ele bebia. Coitado, ao fim ainda ia dizer missa ao Piódão. A gente tinha dó dele. Ele era assim muito amigo de conversar também. E era muito bom para a gente e para os meus filhos.

## **"Estava a escrever uma carta para o meu filho"**

*Quando o meu filho esteve na França, tanta carta o padre José Barata lhe escreveu! Um dia estávamos ali a escrever uma carta à cozinha. E depois a gente, naquela altura, não tínhamos coisas de alumínio, nem de esmalte, nem nada. Fazíamos o café num pucarinho, uma cafeteira de barro. A minha filha, não sei como é que foi, deixa cair o diabo do púcaro! Saltou dela, partiu. Ele estava a escrever uma carta para o meu filho e diz-lhe assim:*

*- "Senhor Carlos, nesta hora, a sua irmã partiu um púcaro como se assustou bastante!"*

*Ele ao fim lia a carta para a gente e perguntava se queríamos mandar alguma coisa. Mas eu nunca me esquece aquilo! De vê-la a contar e, ao fim, ver o meu filho contar também.*

## **Namoro "Eu estava à janela e ele falava de baixo"**

O meu namoro não foi como agora! Ai, Meu Deus! Oh, oh! Não era como agora é. Então, se a gente chegava ao pé do rapaz, oh, que as nossas mães não deixavam. A gente não chegava lá ao pé. Se falava era, faz de contas, eu estava à janela e ele falava de baixo. Era assim, pois. Para pedir em namoro, os que sabiam escrever já escreviam uma cartita, os que não sabiam escrever iam, às vezes, ao mato ou à lenha e depois falavam com elas no caminho. Eu é que nunca falei com o meu marido no caminho, porque o meu marido era alfaiate, não ia lá para os matos. Ele não vinha cá a casa nem nada, que a minha mãe não deixava vir. Oh, oh! Depois a minha sogra é que vinha às escadas pedir. Cá vem tempo que andavam assim a namorar. E, ao fim, a minha mãe disse:

*- "Pronto, tem que se acabar com isto. Eu não quero assim andar. Não quero cá estas coisas muito chocas!"*

Então, o meu marido pediu à minha mãe e ao fim lá resolvêramos a fazer o casamento.

## **Casamento "Nunca cá comeram em casamento nenhum como foi no meu"**

Tinha 17 anos quando me casei. A cerimónia era lá no Piódão. A gente ia e o senhor prior, o padre, lá casava a gente. Fomos a pé. Foi às 11 horas o casamento.

Mas parece que eram dez quando saímos de cá. Quando a gente se casou, estava o prior no Piódão e ele é que tratou do dia do casamento e dos papéis todos. Mas, ao fim, o padre foi-se embora! Ficámos sem padre (como agora já ficámos sem padre também). No dia do casamento, quando íamos para o Piódão, dissemos:

- Agora, se calhar, chegamos lá e não há padre.

Mas o prior disse que vinha outro e assim foi. Ao fim estava lá já o padre. O primeiro trabalho que ele fez foi o nosso casamento.



### **Maria Gracinda e o marido Manuel Sousa (1987)**

Nesse dia, acordei de manhã, mas estive ali ao cimo do Oiteiro a ajudar lá no forno. Porque, já sabe, quando assim era, as famílias é que tinham que ajudar. Não eram as pessoas de fora que vinham ajudar, era as pessoas de família. Então, eu levava uma blusa cor-de-rosa, uma saia azul e o casaco. E levava por baixo outra roupa, as combinações. Lá iam todos juntos para a igreja. Os homens iam à frente, o padrinho é que ia atrás dos homens e depois ia o noivo. E depois ia a rapariga e ia a madrinha atrás dela. Assim, já sabiam quem eram os padrinhos:

- "Olha, padrinhos são fulano!"

O almoço era sempre nas casas das raparigas. Nunca era do rapaz, era sempre na casa da rapariga que faziam o almoço. Mas era de parte a parte. Os pais do rapaz vinham ajudar e davam também chibas. A gente matava uma rês, eles também matavam uma rês. Se era muita gente, matavam mais rês, se eram poucos, matavam menos uma cabra ou ovelha. Depois juntavam logo aquela carne toda, partiam e iam pôr as caçoilas com a carne a assar no forno. Punha-se

numa coisa de barro, que chamavam aquilo uma caçoila. E o arroz-doce também era assim cozido. Então, quando me eu casei, mataram as cabeças das reses, puseram-lhas ali ao fundo, à porta, juntou-se cá a garotada e todos só miúdos lá comeram. Puseram lá aquelas cabeças todas das reses cozidas e eles comeram tudo! Até diziam que nunca cá comeram em casamento nenhum como foi no meu. E ainda lhes deram grão, bolos do forno (que hoje é o padeiro que traz da Malhada e quem precisa compra-lhe), filhoses, sopas de leite com açúcar e tudo. Conforme vinham as pessoas, assim faziam. Quando assim era, as pessoas também mandavam trazer um pão ou dois às raparigas que iam à Covilhã. Porque dantes, se a pessoa dava algum bolo aos garotos, ainda diziam às vezes assim:

- "Olha, a fulana ainda deu um bolo ao meu filho ou à minha filha..."

### **Casamentos que envergonharam a aldeia**

Na altura da minha avó, morreu a mulher de um senhor. A minha avó era a madrinha de casamento dela. Nesse dia, ele veio de manhã chamar a minha avó para modo de lá ir comer a casa. Mas ele trazia uma gravata de cores. A minha avó disse-lhe assim:

- "Olha lá, tu não tens lá uma fita preta que leves hoje?"

- "Então, eu para baixo sou viúvo, para cá já sou casado!" - respondeu o homem.

A minha avó ficou tão envergonhada... Pois, morreu a mulher, mas logo daí a pouco tempo, se calhar ainda não havia meio ano, ele casou-se.

Bem, quanto perto, passou-se aquilo. Depois uma filha dessa senhora casou com um rapaz e a minha tia era madrinha dela. Convidou-a para o casamento, mas a rapariga já ia de bebé quando se casou. As irmãs ainda lá fizeram a minha tia ir ao casamento, não foi mais ninguém senão o padrinho e a madrinha. Foram só os noivos, e os padrinhos. Os outros já não quiseram. Diziam que ela tinha-se envergonhado ao marido. Depois, quando lá vinham numa rua ao pé da fonte, falou um rapaz assim:

- "Aquela já vai "prenha"<sup>1</sup>!"

Ai, a minha tia Maria Rosa, coitadita, ficou tão envergonhada, tão envergonhada... Ela contava tanta vez:

- "A minha mãe envergonhou-se lá por amor do pai dela e agora eu apanhei uma vergonha por amor da filha."

---

<sup>1</sup>grávida

## ***Descendência "Quando a viam ir com a varita, já sabiam que ela que ia para lhes bater"***

Nunca deixámos os meus filhos irem para a rua. Brincavam ali à porta. O meu marido dizia:

- "Se quer brincar, brincar aí à porta!"

Mas a minha filha mais velha era muito esperta. Queria ela ir para a rua para o pé dos outros. Então, o que é que o meu marido fazia? Prendia-a com uma linha de alinhar ao braço! Mas fazia aquela linha muito grande, muito comprida. E dizia:

- "Agora brinca aí à vontade! Olha que, se tu empurrares, tu partes a linha!"

Estavam as portas abertas e tínhamos ali bem onde brincar. Mas, se os outros para cá não vinham, ela brincava ali à porta. Se os outros para cá vinham, ela, coitadinha, era sozinha e não queria, já não lhe apetecia brincar. Quando foi dos outros filhos, já eram mais crescidos e, às vezes, já iam para a rua. Mas depois a minha avó fazia o comer e ainda tinha que os ir chamar. Chateava-se muito. A minha filha agora conta que a avó, às vezes, quando ia à procura deles, arranjava assim uma varita. Quando a viam ir com a varita, já sabiam que ela que ia para lhes bater. Mas escapavam-se todos! Ainda ela vinha além por a rua, já eles fugiam por ali para cima! Quando a avó cá chegava, eles já estavam em casa. Dizia ela:

- "Ora eu ando farta de trabalhar no campo, chego aqui, tenho que fazer de comer e, ao fim, ainda tenho de ir à procura de vós para comer! Não sabeis cá estar!?"

Então, o meu marido chegava e ralhava com eles. Às vezes, ainda lhes dava porrada ou uma palmada na cara por causa deles não estarem e a avó ainda ter de ir à procura deles:

- "Vós não sabeis cá estar? Então não sabeis que a vossa avó vem cansada lá do trabalho e vós ainda estais aqui?"

## ***Percurso profissional "Quem é que aí dava um tostão a ganhar a uma pessoa qualquer?"***

No meu tempo, tínhamos as ovelhas, tínhamos as cabras, as vacas. Tivéramos a vitela ainda uns poucos de anos. Quando a minha mãe foi viva, ainda a ordenhava. Mas a minha mãe depois morreu. Como já tinha falecido, às vezes ia eu lá numa carreira tratar dela. Uma vez o meu marido disse-me:

- "Mas agora não vás lá."

- Pois não, mas então está lá a vitela por ordenhar!? Não foste buscar a vitela? Então, o que é que tu queres!? Foste buscar a vitela e agora não se lhe há de deitar de comer? - perguntava eu.

Lá ia, num instante, ordenhá-la de manhã cedo e botar-lhe o comer. Depois, a minha filha já era mais crescida, já ia cortar um molho de erva para ela. Mas as vitelas são uma coisa muito grande, comiam muito. Era preciso ceifar-lhe um molho grande. Então, à tarde ou ao pé da noite, ainda ia num instante, a correr, ceifar-lhe outro molho. A minha filha já lhe deitava comer, só ordenhar é que não. Quando tínhamos muito que fazer e eu tinha mais trabalho na costura do que o meu marido tinha, dizia-lhe:

- Chega lá tu agora num instante ordenhar a vitela. É que tu tens menos trabalho, eu tenho aqui mais trabalho. Vai lá num instante ordenhar a vitela!

E ele ia lá num instante ordenhá-la. Ao fim a minha filha coalhava o leite, eu vinha fazer o queijo e o meu marido ficava sozinho a trabalhar. Primeiro ele ainda ia ao mato. Mas, desde que aprendeu arte de alfaiate, nunca mais foi buscar um molho de mato! Nunca, nunca. Mesmo que eu estivesse doente ou assim. Mas, se eu estivesse doente e as pessoas vizinhas vissem que eu estava doente, não me faltava lá mato à porta do curral! Iam logo todas buscar-me uns molhos de mato e vinha-me dizer:

- "Olhe, pus-lhe lá um molho de mato para as cabras!"

- "Pus-lhe lá um molho de mato para as ovelhas!"

Mas ao fim, quando elas mandavam fazer alguma coisa de costura, a gente também não lhe levava nada. Porque a vida custava a todos, não é verdade? Era assim. Nunca me lá faltava de mato. Mas eu é que tinha de ir ao mato e à lenha, tomava conta dos filhos e tinha de ir para o campo trabalhar. Arrancávamos-lhe a erva e púnhamos-lhe o estrume das cabras ou das ovelhas. Depois era cultivar as batatas, cultivar o milho, sachá-lo... A gente tinha muita vez 120 alqueires de milho! Chamamos o meio alqueire que era de 16 litros. Veja-se lá quanto não era!

Naquela altura havia muita gente quem ajudasse. Mas havia pouco dinheiro para pagarem. Como é que era aqueles tempos... Quem é que aí dava um tostão a ganhar a uma pessoa qualquer? Ninguém! Às vezes, quando ajudavam o meu tio alfaiate, ele não lhes pagava, mas fazia aquilo mais de graça àquelas pessoas que lá iam à oficina. Naquela altura, diziam que não tinham dinheiro para pagar. Só quando às vezes o tinham, é que podiam pagar. Era assim.

Só nós, quando a gente que se casou, é que começámos a fazer a vida por nossa conta. O meu marido, além das terras que eu tinha, arranjou muitas terras e depois não podia lá andar. Então, quando era preciso, metia gente. Às vezes, estava lá na oficina e o meu marido não queria que me fosse embora, porque que eu tinha aquelas coisas de mão para fazer e ele nunca as fazia. Então, já chamávamos homens para semear, para cavar as batatas... Havia sempre muita

gente, não era como agora. Se a gente vê que queria uma pessoa, apareciam duas ou três até. Até, às vezes, diziam assim:

- "Então, chamaste fulano e a mim não me vieste chamar?"

- "Olha, porque é que não chamaste a mim que eu ia lá ajudar?"

O meu marido levantava-se de manhã e só lá ia orientar o trabalho. Depois vinha para casa logo, enquanto eu ia buscar o mato. Eu levantava-me ainda muito cedo de manhã, ainda de noite, e os filhos ficavam ao pé dele na cama, que estavam quentinhos. Quando chegava, ainda lá estavam quentinhos, não choravam. Depois as pessoas iam-nos ajudar a fazer aquele trabalho e eu ia também. Mas tinha que lhes fazer o almoço depois! Tinha que lhes dar sempre de comer. Ao fim, quando nos mandavam fazer alguma coisa, umas calças ou um colete ou assim, a gente não levava nada. Via que eles tinham feito aquele trabalho, não lhes levava nada.

Depois do casamento, tive que me agarrar logo à costura. Mas eu não sabia costurar, digo já. Não estou cá para me gabar. O que é que eu sabia costurar? Mas foi a costurar sempre! Ai, tanto ponto que eu dei, Nossa Senhora, Senhor Jesus! Naquela altura era um negócio assim mais ou menos. Bem, sempre era melhor que andar a trabalhar no campo, não é verdade? A gente vivia assim e os meus filhos, graças a Deus, nunca passaram fome. Mas houve cá um ano, que chamavam o ano da miséria, que nem havia mercearia nem nada para comprar. Só havia uns dinheirões para criar os meus filhos.

## **Costumes *Tradições de Chãs d'Égua***

### **Queijo de cabra**

Posso dizer que o meu pai não me criou, mas eu nunca passei fome. Como a minha mãe não estava em casa, era a gente para a minha avó:

- Ó avó, eu tenho fome!

- "Olha, parte uma broa e queijo!" – dizia ela.

Queijo tivéramos sempre. Era a minha avó que fazia. Quando a minha avó ao fim morreu, era a minha mãe que o fazia. Quando a minha mãe faleceu, já era eu.

Para fazer o queijo, lavava-se uma panela bem lavadinha e depois púnhamos uma coisa a segurar na boca da panela. Botávamos um paninho debaixo e a gente coava o leite por aquilo para não irem impurezas nenhuma, nem cabelos, nem nada. Depois punha a coalhar na panela. Tínhamos, então, um coalho numa tigelinha qualquer. Era aquelas coisas pequeninas dos cabritos ou dos borregos,

que era quando a gente os matava e eles ainda não comiam. Aquelas coisas que tinham por dentro os cabritos. Fazia-se de contas que era o estômago dos cabritos. Agora já há uns frasquinhos com que a gente coalha o leite, mas dantes era com aquilo. Como não tinha comer, era só leite, a gente tirava, partia aquilo aos bocadinhos, punha numa tigelinha e depois botava-lhe água. No fim esmagava assim bem esmagadinho e botava um pano para baixo. A gente mexia bem mexido com uma colher e, à noite, coalhava-se logo. Depois de estar a coalhada rija - a gente vê que o leite já está coalhado - punham o acincho. Ainda tenho ali um, mas foi só para não atirar com ele, que a maior parte deles deitei-os fora. É assim uma coisa redonda que tem uns buraquinhos em volta e saía por ali o soro. A gente tirava da panela a coalhada com a concha, punha para dentro do acincho, calcava muito bem calcadinho com as mãos e aquilo, ao fim, deitava o soro fora. E as mais das vezes como é que faziam àquele soro? Ferviam-no, punham-lhe um bocadinho de farinha, ficava aquilo, parecia que era tudo só borregos! Ai, era tão bom! Ainda me lembro tanta vez. E não éramos só nós, era muita gente, a povoação toda. Ao fim, para o queijo, tínhamos que pôr o sal. Faz de contas: fazia-o hoje, punha-lhe sal. Amanhã virava o queijo que estava no prato com o de baixo para cima e punha-lhe o sal na outra parte, porque ainda só tinha sal numa. Mas não púnhamos assim muito sal.

Quando se comiam frescos, tirava-se-lhe o acincho, cortava-se daqueles bocados e punha-se no meio da broa - que a gente era broa, não era pão - com uma fatiinha por baixo e outra fatiinha por cima. Quando se não comiam frescos, comiam mais duros, a gente tinha que os lavar e tinham-se que pôr a secar numas tabuinhas com umas fitas por baixo. O tempo é que mandava. Se o tempo ia bom como agora, secava-se depressa. Às vezes, em oito dias secavam-se. Mas, se o tempo ia a chover, a gente tinha que os lavar mais de amiúde, porque começavam a tomar assim uma coisinha por fora e não se secavam. Depois duravam até anos. Dizia a gente que os queijos chegavam sempre do velho ao novo. Chegava sempre de um ano ao outro, até Agosto.

Depois a gente punha o chibo às cabras e elas cobriam. O chibo é um animal já grande, aí de meio ano ou assim, que cobre as cabras. Se for um animal pequeno, que ainda tenha pouca idade, as cabras não pegam. Quando pariam os cabrititos, já havia leite para fazer mais queijo. Mas era depois de estarem com aqueles cabritos. Agora, já mais tarde, já depois que a minha filha mais nova foi para Lisboa, havia pessoas que os comiam. Mas, naquela altura, ninguém os comia, digo já! Depois é que já os comíamos, mas quase nunca vendêramos um cabrito. Era assim: quatro eram para os filhos, era para cada um o seu, e dois ou três ou quatro ficavam na arca (porque já cá havia luz) e a gente fazia dali o comer quando os filhos cá vinham.

## **"Quando estiveram os filhos em casa, matava sempre dois porcos"**

Também fazia enchidos! Há alguns anos, até matava às vezes dois porcos. Antigamente, a gente ia-os comprar pequenos e criava-os cada um para si. Às vezes era cada burro! Aquilo era um porco mais grande, Jesus! Só quatro e cinco homens agarrados a ele lá o traziam para casa. A gente convidava as pessoas da família e ao fim, quando eles matavam, convidavam-se uns aos outros também. Havia um homem que chamavam o sangrador. Era ele que abria o porco e tirava as tripas.

## **Umam tripas bem lavadinhas**

Então, as tripas estão todas juntinhas e a gente depois é que tinha que abria-las ao meio. Mas têm a gordura para se apartar. A gente tirava aquela gordura e, depois de estar todas abertas, punham-se numa gamela e fomos à ribeira lavá-las. Pegavam em duas ou três mulheres, era conforme. Se havia muitas mulheres, duas lavavam as tripas. Se iam só duas, uma levava a gamela e outra levava a panela onde punha sempre a chouriça. E a gente ia e lavava aquilo tudo bem lavado. Ia-se à procura de umas pedras pequeninas, mas que não tivessem arestas, chegava-lhe a gente sabão, e lavava-se bem lavadinhas com aquelas pedras. Depois metia-se assim dois dedos e enfiavam na chouriça. Virava-se, voltava-se, de fora para dentro e ao fim, com a outra ponta, botávamos-lhe água. Se fosse em casa, como botavam qualquer coisa, o cloro para a água, a gente não podia lá lavar as tripas. Depois de bem lavado, botava-se para dentro da gamela e traziam-se para casa.

## **"O enchido sempre bonzinho"**

Naquela altura, quando se matava o porco, eram os dias pequenos e já não se tinha tempo para migar a carne. Por isso, ao outro dia, nunca semeavam. Migava-se a carne toda para umas panelas. Púnhamos-lhe o sal, colorau e, às vezes, umas folhas de louro. Depois a carne estava ali ao menos dois dias, que era para tomar bem do sal. Ao fim podia ficar salgado ou podia fincar inosso. Então, tirava-se de lá um bocadinho de carne, punha-se em cima de uma brasa no lume e comia-se. Se aquele bocadinho tivesse sal que chegasse, a gente já não lhe punha mais, se aquele bocadinho não tivesse sal, punha-se mais umas pedras. Se houvesse tempo, ainda se ia encher as chouriças. Senão, enchia-se ao outro dia.

Então, tínhamos uns barações que a gente comprava na feira. Era de fio. Cortavam assim aos bocados e atávamos a ponta da chouriça. Depois metíamos-lhe uma coisa, que chamavam a enchedeira. Era quase como o feitio de um funil, só que era o cano mais largo. A gente segurava de cima para baixo, apertava com o dedo e metia a carne pela enchedeira. Estando a chouriça cheia, atava-se. Depois tínhamos umas varas de pau na cozinha e pendurávamos ao lume assim bem alto para não chegar o calor. Se lhe chegasse o calor, estragava-se o enchido. Nem sequer podia ser o calor assim muito lentinho. Como se matavam muitos juntos, às vezes 15 e 16 porcos, que era para ajudarem uns aos outros a chamuscar, as mulheres secavam as chouriças umas para as outras. Diziam:

- "Então, o teu enchido já está seco?"

Chamavam-lhe um caniço e era lá que se secavam as castanhas também. Mas, quando se secava as castanhas, já tinham que ter o enchido seco, porque senão tinha que se fazer uma fogueira muito grande. Então para nós ainda era pior, porque o caniço era muito alto e depois tinha que estar uma fogueira muito grande para secar as castanhas. Estragava o enchido. A gente até nem secávamos as castanhas em casa. Era ali naquela casa nova que está na rua, que agora é da minha filha. Era uma casa velha, mas também tinha caniço. Era quando a gente secava duas caniçadas, secava por duas vezes.

Com os lombos e umas fêveras que tiravam do porco é que a gente fazia o enchido. E, ao fim, vendíamos os presuntos para comprar outro porco para o outro ano. Vinha cá um homem dali detrás da serra e também um senhor do Piódão comprar. Mas a gente não tinha onde o pôr o enchido, porque não havia luz. Então, para conservar, púnhamos numas panelas com azeite. A gente, pondo lá com azeite, podia ali estar o ano todo que não se tomava nada de ranço. Estava o enchido sempre bonzinho! Sempre fresquinho como o que fosse feito naquela hora.

Quando estiveram os filhos em casa, matava sempre dois porcos. Depois que os filhos foram embora matava já só um. E agora já não mato, porque há muito tempo que vem cá o senhor com a carne e a gente compra quando precisa.

## **Festas da aldeia**

Antigamente faziam em Chãs d'Égua festas. O padre vinha cá celebrar a missa no dia dos santos - dizem que é a missa da festa - e o mordomo tinha que lhe pagar. E agora é a mesma coisa. Hoje, quando é por a festa da aldeia, a Comissão compra, com licença, um porco ou dois. E a gente, se lá quer ir comer, tem que dar o nome. Este ano foram umas 230 pessoas.

No Natal, coitadinhos, cada um arranja o Natal em sua casa. Às vezes lá faziam umas filhositas, outras vezes não faziam nada. Mas era sempre muita gente. Eu nunca passava o Natal sozinha. Antigamente estava tudo na aldeia! Não tinham ido para Lisboa, era muita gente. Os meus filhos vinham cá sempre passar o Natal ao pé dos pais. O casal mais os filhos, os netos, vinham quase sempre. Ou uns, ou outros. Agora não. São os filhos que querem é que a gente lá vá passar o Natal com eles e a gente há-de ir este ano. Hoje, quando é Natal, não há cá quase vizinho nenhum na aldeia. No outro ano ficou cá só a dona Arminda, mais nada.

### **No tempo das debilhas**

Quando era no tempo de feijão, que a gente tinha feijão para debulhar, juntavam-se as mulheres e ajudavam umas às outras. Era na sala da minha casa que a gente debulhava. Trazíamos uma canastra para lá e debulhávamos o feijão. E quando era por o tempo do milho, que a gente secava o milho, também assim era. A gente dizia:

- "Meteu freguês?!"

E chamávamos aquelas pessoas, umas e outras, para ajudar. A gente a quase nunca fazia o trabalho sozinha. Mas não debulhávamos aqui. Era além adiante, numa barraca. Depois a gente ainda tirava os "caçamudos" ou casulos, como outros chamam, para umas cestas e juntávamos o milho. Deixávamos estar aquilo já junto num monte e, ao outro dia, levávamos os cobertores para lá. A gente cá não tinha toldes, não tinha dinheiro para os comprar. Eram uns cobertores que mandávamos fazer muito longe, já a gente passávamos aquele alto da serra. Levávamos a lã das ovelhas a trocar e trazíamos os cobertores. Quando era que elas debulhavam, a gente ia lá também ajudar-lhes. Se debulhavam todos no mesmo dia, ia só uma pessoa da minha casa para cada um. Se debulhavam mais do que a todos no mesmo dia, naquele dia não debulhava ninguém, íamos todos lá ajudar. Nessa altura, a minha avó, coitada, já era velha, já não podia andar por lá de noite (porque a gente debulhava só de noite, não era de dia).

### **Lugar *Recordações de outros tempos***

Quando estávamos doentes, coitadinhos, fazia-se um chazito e depois ia-se àqueles homens que havia lá no Piódão, que chamavam o barbeiro. Ele então vinha a Chãs d'Égua e lá receitava os remédios. Antigamente dizia-se:

- "Olha, coitadinho, está tão mal! Veio cá o barbeiro, já lhe receitou para a botica."

Pois, em vez de dizerem que lá lhe receitou para a farmácia, diziam que os medicamentos eram da botica. Esse barbeiro era um senhor que estudou nos livros e vivia lá no Piódão. Curava bem das pessoas.

## Objectos com história

Antigamente também não tínhamos luz. Usavam-se umas lanternas. Era uma coisa assim quadradinha. Tinha uma porta, abria-se e tinha lá dentro um candeeirito, uma coisinha que a gente chamava uma lamparina. Botávamos-lhe para lá o azeite e púnhamos-lhe uma torcida numa coisa de trapo. Tinha de ser uma fita branquinha. Se fosse a fita assim mais suja, já não dava. Ao fim acendia-se. Botávamos um prego num barrote, pendurava-se lá em cima. Então, a gente via assim com aquele luzinho. Dava luz, mas era poucozinha, era muito pequenina.

Naquela altura, a gente ia todos os domingos à missa ao Piódão. Mesmo a chover. Levávamos até umas "capuchas". Eu tenho ali em baixo uma. Eram umas coisas com um capelo, que a gente põe na cabeça, e tem assim por baixo uma roda e a gente embrulha-se naquilo. Hoje até tenho uma no Museu do Piódão. Veio cá o senhor Carlos e tirou tudo. Se ele ia para a loja, queria uma coisa, se ele ia para outro lado, queria outra. Ai Jesus, Nossa Senhora!

Também tínhamos um funil que a gente chamava o funil de pôr o vinho para os pipos. Dantes era um funil de cabaça. Semeava a gente aquelas pevides, punha-lhe um pau e, ao fim, criava-se aquilo como as abóboras. As cabaças tinham assim um cano comprido. Abriam-lhe um bocado em cima e aquele cano fazia o feitio de um funil. Tínhamo-lo lá na loja. O senhor não parou enquanto a gente não lhe deu para levar e nós agora já não o temos. Também tínhamos um de folha com crivo e tudo, porque é para não cair nada da sujidade dos cachos para dentro do vinho. Mas, naquela altura, às vezes ia para lá sujidade, ia tudo. Ao fim, ficava lá aquilo sempre no fundo do pipo. E houve mais coisas que a gente lhe deu. O senhor Carlos, aí vendo uma coisa que ele quisesse, não parava. Enquanto ele não levou tudo, não parava de sair de cá para fora. Eu já digo ao meu marido: agora vem cá e já não nos vê.

Pois, porque ele vinha cá e eu, às vezes, oferecia-lhe de comer. Nem sempre comia, mas ia sempre à loja beber. O que é a gente tem um hábito: muitas pessoas só querem beber o vinho tirado do pipo. E o senhor só queria tirar do pipo! Mesmo agora, vinha a minha casa o doutor e o empregado que estava a fazer as inscrições no posto médico. Como naquele dia - à terça-feira - o meu marido estava doente e a fazer diálise, era eu que lhes oferecia sempre de beber. Levava o

vinho na garrafa e também uns bolitos para eles comerem. Mas eles queriam tirar o vinho do pipo. Então, o doutor começou a tirar o empregado do pipo e a dizer:

- "Ai és tu a tirar do pipo e eu não!?! Eu também quero tirar do pipo!"

Depois dizia-me:

- "Senhora Gracinda, deixe estar, que quem tira do pipo sou eu!"

Pronto. Tiravam os dois o que queriam beber. Eu trazia-o na garrafa, mas eles não queriam:

- "Não vale a pena você estar a estragar o vinho! Há mais, a gente vem cá, bebe o que quer e depois o outro fica no pipo. É melhor que ficar na garrafa. Fica na garrafa, fica-se a estragar e no pipo não."

## **História *A história do Oliveirão***

Podia ser que me contasse histórias quando era pequena, só que já não me lembro. Mas nós os miúdos, quando era à noite, às vezes íamos brincar atrás da capela e diziam assim:

- "Olha, cá o Oliveirão está enterrado atrás da capela!"

Às vezes, os mais velhos corriam à frente e os pequenitos ficavam para trás. Então, diziam:

- "Olha, vem aí o Oliveira Matos!"

E eles, coitadinhos, todos a fugir! Bem, mas a gente ouvia dizer aquela lenda, mas nunca soubéramos assim nada. Diziam que tinham lá enterrado o Oliveira Matos, mas não se via onde. Naquela altura, a nossa capela era mais pequena, porque ainda foi feita primeiro que a igreja do Piódão, já há 600 anos. Havia cá pouca gente também. Depois, quando fizeram a nova capela, tiveram que dar o desaterro. Tiraram o desaterro e o que é que aconteceu à capela? O padre nomeou uma comissão para organizar, para tomar conta das obras. Já se sabe, porque o padre não vinha cá todos os dias. Organizaram aquela comissão e o meu marido é que ficou à frente daquilo, porque os outros andavam na Panasqueira e noutros lados e não podiam. Então, o meu marido tinha que lá ir todos os dias tirar apontamento às pessoas que lá andavam. As pessoas que ajudaram foi tudo de graça, ninguém levou dinheiro, mas andavam lá os pedreiros e a esses tinha-se que lhe pagar, que não eram de cá. Tinham que ver quantos dias de trabalho é que eles tinham.

Quando andavam a cavar na capela, os miúdos da escola pegavam nas ferramentas e botavam-se a cavar também. Quando um miúdo da escola foi juntar-se além a cavar, veio a cana de uma perna! De uma perna ou de um braço. Quem encontrou aquilo fui um rapazito da Foz d'Égua. Estava a cavar com uma

sachola e enterrou-se o peto da sachola por a cana para dentro. E assim é que é que a gente chegou a saber que foi verdade, que lá enterrarem o Oliveirão.

Era um homem mau, de maus instintos. Matava as pessoas e tudo. Era muito ruim! Era como que é um ladrão. Ia a casa das pessoas, às arcas que tinham, e roubavam-lhes o milho. E às raparigas tirava-lhe os anéis todos que elas traziam. Era a mesma coisa como agora os terroristas. Naquela altura foi um barbarismo, Jesus, Nossa Senhora! Um dia ele veio com a guarda e mataram-no em Chãs d'Égua.

Aos ossos do Oliveira o que é que fizeram? Como o meu marido estava à frente das coisas, os rapazitos vieram chamá-lo. Ele foi logo ao telefone e falou com o padre, porque não podia estar a tirar os ossos sem saber como é que era. O padre disse-lhe:

- "Juntem tudo que encontrarem para um saco! Juntem esses ossos todos. Isto tem de vir tudo para o cemitério!"

Juntaram tudo o que encontraram. Ao fim meteram lá num saco. Também encontraram lá uma coisa grande redonda, um arquinho todo enferrujado. Eu nem sequer cheguei a ver, mas viram logo que aquilo não tinha préstimo nenhum.

No dia de um funeral, o meu marido foi lá com um saco dos ossos (que tinha escondidos numa cestinha, no púlpito da capela, para não se verem, senão já não ia ninguém à capela). Então, meteu doutro saco e lá levou. Naquela altura, ainda nem havia sacos de plástico, era só sacos de papéis. Chegou onde não sei que foi, disse lá para uma rapariga:

- "Toma, leva-me lá este saco! Agora tenho de pegar na urna, leva-me lá esse saco."

A rapariga levou, mas nunca ninguém sabia que ia lá os ossos do Oliveira. Não sei também dizer se o meu marido os deixou lá ficar à porta do cemitério, se o meu marido levou lá para o Piódão. Depois, quando acabaram de fazer aquele funeral, o padre disse para o coveiro:

- "Faz aí uma cova aí em cima!"

Era lá num sítio determinado que só enterram aquelas pessoas que se matam. Mas o coveiro dizia que não fazia!

- "Ai isso é que tu fazes!" - era o padre.

Diz ele que fazia, mas que queria saber quem é que lhe pagava. Foi então quando se soube que ia lá os ossos do Oliveira. Depois fez a cova e lá o enterrou.

Mais tarde, veio um ofício para o meu marido para ir a Arganil. Havia cá um homem que chamavam o regedor. E esse é que andava por as portas quando era preciso alguma coisa. Então, ele veio à nossa parte com dois cabos incomodar o meu marido para aparecer, não sei se era um dia ou dois depois, no tribunal em Arganil. O meu marido perguntou que sentido é que era, mas diziam que não

sabiam. Não quiseram dizer para o que é que era. Depois o meu marido teve que ir lá a Arganil, mas foi lá o padre com ele. O padre disse:

- "Deixe, eu vou lá consigo."

O padre já tinha carro naquela altura, mas a estrada não vinha ter ao Piódão ainda. Lá em cima ao pé da serra, no alto, é que a estrada ficava. Para baixo ainda não vinha. Então, ele falou para o meu marido para ir ter ali a um outro sítio, onde estava a estrada. O meu marido foi lá ter e foram os dois no carro. Chegaram, lá o Presidente da Câmara, ou o Vice-Presidente, procurou dos ossos e de dois objectos lá encontraram. Diziam que encontraram em Chãs d'Égua uns objectos de bastante valor e que ficaram com eles. O meu marido disse:

- "Olhe, os objectos que lá encontraram estão aqui: esta chave, uma chave velha, e este coiso... Podem ficar com eles que a gente não precisa deles para nada. Tem que isto não vale nada!"

Ao fim, já nem sei dizer se eles lá ficaram com eles, se eles os trouxeram. Mas o meu marido foi ali apertado, mas apertado:

- "Vocês encontraram lá mais coisas!"

- "Não, a gente não encontrou mais nada!"

- "Ai isso é que encontraram!"

E sem lá terem encontrado mais nada. E aqueles do Piódão é que telefonaram para Arganil para modo de lá chamarem estes de Chãs d'Égua. Fizeram queixa, porque havia lá um senhor - era filho do tal barbeiro e também dava medicamentos - que diziam que era da família do Oliveira. Já se sabe: lá é freguesia, aqui são povoações e depois a freguesia manda sempre mais que as povoações. É assim estas coisas.



**Maria Gracinda e o marido Manuel Sousa,  
acompanhados pelos netos Sandra e Fábio André (2005)**

## **Avaliação "*Para os mais novos saberem*"**

Já contei muita coisa! Se é para os mais novos saberem o que era naquele tempo, eu digo que eles não querem crer! Às vezes, vai a gente a contar-lhe as coisas e eles não querem crer. Dizem:

- "Ai, não foi!"

Foi, sim senhora e eu gostava que eles acreditassem que naquele tempo, em que a gente se criou, era assim desta maneira. Mas eles agora estão acostumados assim:

- "Quero isto. Quero aquilo."

- "Toma lá."

Não acreditam que os meus pais não tinham como fazer isto a nós.